grupo de estudos em
arte contemporânea

LACUNA

2024-2025

GRUPO 1

ORGANIIZAÇÃO:
ANDRÉ AURELIANO
RENATO ALMEIDA

COLETIVO
BORDE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grupo de estudos em arte contemporânea [livro eletrônico] : Lacuna : 2024-2025 : grupo 1 / organização André Aureliano Fernandes, Renato Almeida. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-01-57332-8

1. Arte contemporânea brasileira I. Fernandes, André Aureliano. II. Almeida, Renato.

25-284782 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos 700.74

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Borde
Grupo de Estudos em arte Contemporânea - Lacuna

Organização, edição e projeto gráfico
_ André Aureliano Fernandes e Renato Almeida

Textos
_ André Aureliano Fernandes, Renato Almeida, Agatha Pereira, Ana Reis, Rafael Calixto, Diogo Nógue e Fábia Karklin.

Crédito fotográfico:Agatha Pereira, Ana Reis, Rafael Calixto, Diogo Nógue e Fábia Karklin.

Julho de 2025

_ÍNDICE

05_ Apresentação
09_ Artistas
12_ Agatha Pereira
22_ Ana Reis
37_ Rafael Calixto
42_ Diogo Nógue
50_ Fábia Karklin

APRESENTAÇÃO

_GRUPO DE ESTUDOS LACUNA: o que é

O Grupo de Estudos Lacuna é uma iniciativa organizada pelo pesquisador e curador André Aureliano Fernandes e pelo artista visual e pesquisador Renato Almeida no conjunto das atividades do Coletivo Borde. Essa proposta surge de dois acompanhamentos artísticos de curta duração, que resultaram nas exposições: Marcas de ordens provisórias (2024, Edifício Vera); Fazer faz corpo (2024, Galeria Quarta Parede). Essas duas experiências estimularam o desejo de sustentar por tempo mais longo um espaço coletivo de pesquisa ligado à prática artística. Desse modo, o objetivo do grupo configurou-se em pensar as dimensões poética e política da arte contemporânea, relacionando pesquisas, olhares e processos artísticos, pelo período de sete meses.

Um dos diferenciais da proposta está na forma aberta que se ajusta de maneira orgânica às questões e direções que surgem das demandas individuais e coletivas do grupo, sendo os mediadores responsáveis por realizar as pontes e conexões entre os temas, também apresentar referências, sugerir atividades disparadoras, que muitas vezes tornam-se ferramentas de processo que apontam novos temas ou caminhos. Importante salientar que mesmo sendo uma experiência coletiva, os mediadores estão atentos às especificidades poéticas e criativas individuais de cada artista participante.

Vale destacar, ainda, seu principal diferencial: o método. Se alguns grupos de acompanhamento mantêm a ênfase quase exclusivamente nas questões mercadológicas e outros se dispersam nos meandros de questões transversais, o Lacuna apresenta um método que possibilita a apropriação das questões transversais de uma maneira diferente. Fazendo o que chamamos de "volta para dentro", parte-se da discussão em torno das artes visuais, tendo a prática como norte, transita-se entre temas e áreas de conhecimento transversais, porém sempre ocorre uma reorientação "para dentro", isto é, retornamos ao que é específico ao campo das artes visuais. Apesar de poder parecer uma abordagem comum, e até óbvia, não é isso que se encontrou em nossas experiências pessoais como participantes do sistema da arte.

Para além desses dois pontos, há sempre à nossa frente o respeito pela arte como campo de conhecimento, o respeito pelos artistas participantes e suas particularidades criativas, pessoais e sensíveis, assim como o respeito pelo processo como todo, representado pela seriedade e dedicação com as quais os processos são mediados.

_CONTEXTO: como foi

O grupo que se encerra em meados de julho de 2025 reuniu os artistas Agatha Pereira, Ana Reis, Diogo Nógue, Fábia Karklin e Rafael Calixto. Eles dedicaram-se a investigar as interseções entre poéticas e política na arte contemporânea, entendendo o processo artístico como um modo de produção de pensamento, e a pesquisa como prática encarnada, situada e crítica. Nesse sentido, o grupo não foi exatamente um ateliê ampliado, tampouco um seminário acadêmico, mas um espaço de convivência entre artistas, que tomou o tempo da escuta, da hesitação e da exposição de seus próprios percursos para expor nos debates e nas atividades as próprias questões artísticas.
A partir de perguntas sintéticas e diretas, como "O que torna alguém artista?", foram mobilizadas as atenções em relação à arte contemporânea. Esse ponto de partida permitiu que houvesse alguma compreensão do aspecto público da arte, isto é, quais são os mecanismos de validação e reconhecimento daquilo que torna alguém artista e algumas das "armadilhas" que se apresentam ao mostrar o próprio trabalho. Quais agentes se apresentam nesse processo, tais como galerias, museus, centros culturais e público. Como cada um deles pode ser caracterizado e como se comporta. Também foi possível avaliar qual a ação do artista comparativamente em relação às próprias possibilidades e desafios de atuação na configuração em que se encontram.

A fim de dimensionar um pouco o lugar e as capacidades do artista e a especificidade do fazer das artes visuais, foram abordadas questões que envolvem de modo pontual a Inteligência Artificial, que

está promovendo uma mudança no modo como se produz e se percebe a arte, por meio do debate sobre o trabalho Nossos ancestrais nos olham (2025), de Guilherme Bretas e o artigo Inteligência Artificial como phármakon[1] de Gisele Beiguelman. Nesse ponto, foi inevitável pensar no sucesso e no fracasso das próprias ações como artista, especialmente se o fracasso em dado momento pode oferecer outra perspectiva no curto, no médio e no longo prazo. Esses dois grandes temas envolveram todos a avaliar o papel das tecnologias digitais na ampliação e multiplicação dos microtrabalhos [2]. e na desvalorização do fazer manual. É, porém, na estruturação desse estatuto de saberes e de práticas manuais a serviço das artes visuais que a arte está situada.

Na intersecção entre artistas e demais agentes do sistema das artes visuais, também direcionou-se o foco da discussão para pensar nas especificidades do raciocínio criativo em torno dos procedimentos artísticos. Então, buscando reconhecer a importância do fazer manual, da necessidade de atenção aos detalhes, da confecção de soluções expositivas e do resultado, o artista Marcelo Moscheta foi convidado a falar do próprio processo criativo e dos procedimentos que utiliza nos trabalhos. O convite deve-se ao cuidado que o artista tem com o processo desde o início até pensar detalhes da maneira como o trabalho é exposto e visto. Nesse sentido, destacaram-se os trabalhos Artic polar circle (2007), 1.000 km, 10.000 anos (2013), A história natural e outras ruínas (2018), Errante (2024), entre outras. O que se nota nesses trabalhos é a consistência ao longo de anos, um esmerado cuidado, respeito com o próprio trabalho e uma atenção especial aos detalhes do partido expositivo.

_DESDOBRAMENTOS: o que se fez

Nesse cenário, à medida que os artistas foram se sentindo mais à vontade no grupo e os vínculos se consolidaram, foram abertos dois debates transversais sucessivos importantes individual e coletivamente: um a respeito das pessoas em situação de rua, outro sobre a loucura.
Rafael Calixto apresentou uma ideia de trabalho voltada à escuta de pessoas em situação de rua no centro da cidade de São Paulo. A intenção era mobilizar histórias de vida para ser apresentadas em um pequeno café na Vila Mariana. A configuração do trabalho compreendia uma cadeira em madeira, confeccionada por Calixto, que é também marceneiro, onde as pessoas se sentariam para uma conversa. Surgiram também questionamentos a respeito das razões do trabalho e dos modos, se apenas áudio ou áudiovisual. Outras considerações avaliavam como se fala, a quem se fala, em nome de quem se fala e o que se produz.

Nesse ponto, vale destacar um aspecto importante do processo em grupo: pensar em grupo é exigente, pois, por mais semelhantes sejam, cada um é radicalmente diferente de outro, então pensar em grupo exige respeito, confiança e cumplicidade. E essas conversas ocorreram num espírito de colaboração que pouco a pouco foi promovendo uma transformação não apenas no modo como aquele trabalho poderia se configurar, mas principalmente no modo como cada um se via e poderia se ver no processo. A partir daí, novos diálogos foram se construindo, decorrentes das provocações advindas da proposta apresentada por Calixto, gerando assim desdobramentos ao longo de alguns encontros, o que incentivou outros artistas a trazerem suas propostas e questões.

As conversas provocaram considerações de natureza ética e crítica na produção do trabalho e do lugar do artista em relação à realidade das pessoas. Com isso, Calixto teve um enorme ganho ao reconhecer a validade e a força de suas próprias histórias. Ele começou a pensar nos recursos de que dispunha para partilhar essas próprias histórias, dando validade e dignidade aos recursos plásticos que conhece e sabe utilizar, que estão associados ao grafite (e, nessa medida, à palavra), à fotografia, à marcenaria.

1: Disponível em: https://revistas.usp.br/rapsodia/article/view/219844. Acesso em: 5 jul. 2025.
2: Modo de trabalho fragmentado em pequenas tarefas, geralmente executadas por pessoas de forma remota, por meio de plataformas digitais. Tais tarefas são simples, repetitivas e em geral não exigem qualificação. Eles podem ser caracterizados por jornadas de trabalho longas, pequena remuneração, sem qualquer tipo de relação trabalhista que se enquadre em leis nacionais ou internacionais. BRAZ, Matheus Viana. "Heteromação e microtrabalho no Brasil". Dossiê: Sociologias 23 (57). May-aug. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/wVd58kNBf4rN4NQxYWk6FtB/?lang=pt#. Acesso em 07 jul. 2025

O debate a respeito das pessoas em situação de rua, o abandono e o fracasso, suscitaram memórias em Ágatha, que do ponto de vista da arte requereram rever sua relação com o desenho que "carrega o ritmo do corpo, a hesitação do gesto, a emoção do instante. O traço registra o tempo, o erro vira estilo, e a mão aprende a pensar por si mesma." e com a fotografia que "revela o invisível, aquilo que só se nota depois, no detalhe esquecido, no gesto interrompido". Ela percorreu caixas de guardados. Contudo, apesar das memórias, apesar das relações antigas com técnicas, sua atenção recaiu sobre o próprio olhar. Ao examinar o olhar e o observar, a artista apercebeu-se que esse processo que envolve algo elementar das artes visuais significou renovar-se e reinventar-se, mas, mais do que isso, estar presente, ser presença, "ser artista". Evidentemente, esse não é um processo rápido, tampouco ocorre sem o reconhecimento de outros traços desafiadores no processo de amadurecimento do olhar cuja marca são os processos de normalização que envolvem vetores de classe, raça e gênero. Tais ferramentas que muitos dispõem, como olhar, tornam-se o principal objeto da sua investigação, que altera a percepção de ser artista, algo que para quem é artista é colocado em questão a cada vitória e a cada fracasso.

Diogo Nógue coloca o debate da validação, do reconhecimento, do sucesso e do fracasso de um lugar que lhe é próprio. Como artista afro-diaspórico, considera o sistemas das artes segundo a centralidade do negro. Ele assume que é a partir e em torno da cultura negra de África e de África no Brasil que a arte orbita. Seu repertório, portanto, não se compõe apenas da pintura de Wilson Tibério, Salvador Dalí ou Odilon Redon, é formado também pelo conjunto de práticas tradicionais do cotidiano e da religião negros, que está presente em obras anteriores como a Série Herbário do cuidar, vingar e refazer (2024). Essas práticas e tradições que lhes oferece não somente um conjunto de palavras, mas a possibilidade de criar um cosmos que retorna as tradições que lhe dizem respeito, que o afetam e fazem sentido. Produzir arte, para Diogo, produz pensamento porque está em relação com outras pessoas negras que criaram e viveram antes dele. É assim que o artista apresenta em seus trabalhos elementos de uma perspectiva afro-diaspórica, aquilo de que ele pode se sentir parte e pode se apropriar e dar forma. Então: "Dei um passo, e o chão surgiu".

Ana Reis compartilhou a pesquisa que vem desenvolvendo no pós-doutorado, centrada na história de uma de suas tias, que foi internada no Hospital Colônia de Barbacena. Essa fala gerou reflexões sobre os dispositivos de exclusão da loucura, os regimes de visibilidade e invisibilidade, considerando os vetores de gênero, classe e raça, e as formas de inscrição e resistência que podem ser produzidas por meio da arte. A loucura nesse sentido não foi abordada como categoria clínica, mas como forma de experiência do mundo, como modo de existência e como marca de uma história coletiva de apagamento. Tais dispositivos são inquiridos nas propostas que desenvolve, seja no recorte dos olhos, no processo de apagamento, nas distâncias que mantém deles, na maneira como articula a própria voz tartamudeante que se faz dúvida: "O primeiro passo é uma espécie de dúvida" até formular linguagem, formular-se poesia: "fora da casinha".
Fábia Karklin aproxima e elabora a arte num monólogo sobre loucura, pela experiência, no agora, que não se permite represar ou definir, como ela própria diz: "A arte que faço, quando se explica, se perde, fica triste e não gosta. Por isso escolho convidá-los, convidá-las, convidá-les, para esse passeio comigo. Escolham seus lugares de partida, seus trajetos, seus sentidos. Eu gosto é disso e agora sinto a graça pulando dentro da minha boca feito peixe colorido, gordinho, em piracema.".

É, pois, com esse gosto e tudo aquilo que pensa e faz pensar o ato criador hoje que todos estão convidados a folhear a publicação que agora se apresenta, mais do que um registro, um desdobramento desse processo: reúne imagens, textos, gestos e ideias que atravessaram o percurso coletivo. Não se trata de uma síntese, mas uma abertura -- uma tentativa de manter a lacuna como forma e força construtiva do pensamento em arte.

André Aureliano
@andreaureliano

Renato Almeida
@renato_almeida

_ARTISTAS PARTICIPANTES



Agatha Pereira
@agathissima.studio
Agatha.pereira@gmail.com

É artista visual, ilustradora e educadora. Formada em fotografia, design de moda, ilustração e tecnologia, aprofundou seus estudos em artes impressas na Holanda e participou de oficinas manuais no México. Em 2020, realizou a proposta My dreams, que resultou em três murais como parte do projeto Atlanta BeltLine, e participou de uma exposição no Quinlan Visual Arts Center. Seu trabalho transita entre o ensino, a criação autoral e a escuta como base para narrativas visuais e afetivas. Atualmente, realiza trabalhos no Brasil e nos EUA, onde desenvolve uma prática sensível, com maior ênfase no processo criativo.

A pesquisa atual "O que você vê? O que você sente?" investiga a observação como gesto criativo. A partir dessas perguntas explora o espaço entre observar e ser observado, refletindo sobre como o olhar pode ser uma forma de escuta e conexão. A proposta surge durante a participação no Lacuna, Grupo de Estudos de Arte Contemporânea, realizado ao longo de sete meses com outros cinco artistas e dois tutores, e começa a se desdobrar na forma de uma instalação artística (em processo). Um desses desdobramentos é a criação de um ambiente onde o público seja convidado à atenção e à presença, um espaço sensível em que o olhar ganha corpo e memória. O projeto será iniciado no Brasil, com planos de expansão para os Estados Unidos, unindo experiências com fotografia, desenho, artes impressas e palavra como ferramentas para traduzir o invisível em linguagem visual.



Ana Reis
@anareis_____
anareis@ufg.br

Artista do corpo e da performance, com experimentações em fotografia, vídeo, colagem e intervenção urbana, com especial interesse pelas fronteiras. Pesquisa feminismos, autoficções e rachaduras, num campo de escrita teórica, poética e performativa. Graduada em Artes Visuais e Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia, Doutora em Artes – Poéticas Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professora Adjunta do Curso de Dança da Universidade Federal de Goiás, coordena o Grupo de Pesquisa Práticas Artísticas Autoficcionais: Rachaduras de Gênero e Colonialidade/UFG e integra o coletivo Acocoré: Artes, Coletivos, Conexões e Redes. Desenvolve um Pós-Doutorado no PPG Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e integra o Grupo de Pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Feministas. Participa de exposições, residências e encontros de arte e pesquisa.

Encontra-se em processo de investigação e coleta de vestígios e rastros de narrativas de vida permeadas pelas relações entre mulheres e loucura, gênero e hospitais psiquiátricos, percorrendo linhas de fronteira e linhas de risco. Seguindo os vestígios e rastros deixados por ancestrais, têm se debruçado na história do Hospital Colônia de Barbacena, num processo de criação atravessado por mulheres que desobedeceram às normalidades e normatividades, sendo encarceradas pelo sistema manicomial. Neste processo, cria um campo de escuta de narrativas que se conectam, de pessoas consideradas alienadas, desajustadas e desviadas pela sociedade, compondo cartografias de vestígios. Gestos para gerar rachaduras e possibilidades de resistência ao soterramento, através de poéticas feministas e desobedientes.



Diogo Nógue
@diogonogueart
www.diogonogue.com.br
diogonogueart@gmail.com

Sou artista visual (1988, Suzano-SP), poeta, professor e escritor afrodiaspórico. Bacharel e Licenciado em Artes Visuais, atualmente mestrando em Processos e Procedimentos Artísticos no Instituto de Artes da UNESP, minha trajetória entrelaça desenho, pintura, objeto e palavra. Desde 2009 participo de exposições coletivas e individuais, como Mãos: 35 anos da Mão Afro-Brasileira (2023, MAM-SP), À beira da metamorfose (2024, UNESP) e 52º SAC Luiz Sacilotto (2025, Santo André-SP).
Na literatura, publiquei os livros Pedra polida (2019) e Retratos apagados (2023), além de integrar as antologias Pretos em contos (finalista do Prêmio Jabuti 2022) e dois livros ilustrados.
Tenho interesse em criar imagens que evocam atmosferas alegóricas, onde o corpo — fragmeWntado, ritualizado, reinventado — ocupa o espaço como fissura na realidade. Esse processo nasce da coleta de imagens e memórias, atravessadas por interações com a literatura, o território e a ancestralidade. Investigo temas como morte, trauma, sagrado e sonho, articulando-os a partir da afrocentricidade como perspectiva crítica e poética. Refletindo sobre minha vivência como homem negro, aproximo-me das cosmogonias Bantu, Yorubá e Fon, buscando a acumulação de simbologias em meus trabalhos.
Em meus projetos recentes, como Encanto para Iwosan e o Herbário do cuidar, vingar e refazer, penso o fazer artístico como um ato de encantamento da matéria, o que é ser artista negro e trabalhador.



Rafael Calixto
@calixtodesenha
calixtodesenha@gmail.com

Nascido no ano de 1981, na Zona Leste da cidade de São Paulo, venho acumulando ao longo de minha trajetória experiências em mecânica automotiva, marcenaria e pintura artística.
Acredito que a arte pode ser representada sem olhar apenas pela ótica eurocentrista que nos foi ensinada no Brasil, temos exemplos construtivos e pictóricos ricos, aplicados antes da colonização na América Latina, no continente Africano e até no Oriente, se ampliarmos o nosso olhar, notaremos.
Acredito sempre que podemos mesclar os saberes para criar algo novo, pensando no futuro do mundo, no que diz respeito às questões climáticas que vem se agravando com o avanço do tempo, afinal as fronteiras são imaginárias, vivemos todos na mesma terra.
Crio imagens e objetos supondo um futuro que flerta com movimentos artísticos, como por exemplo, o Muralismo Latino Americano, o Surrealismo na Espanha e os saberes tradicionais e ancestrais do povo do continente africano, usando tinta acrílica para desenvolver imagens de pequeno formato e látex e spray para pintar muros.
Atualmente tenho sintetizado as pinturas com construções de objetos / assemblages nas quais conto histórias / Estórias de pessoas inferiorizadas socialmente, por não alcançarem padrões ditados pelo sistema capitalista no qual estamos inseridos hoje, pessoas com as quais me identifico bastante quando olho pra minha trajetória.
Vejo meu trabalho como um espelho social, que traz à tona uma reflexão social contemporânea através da minha ótica, são peças e pinturas que instigam uma reflexão do tempo em que estive na terra.



Fábia Karklin
@fabiakarklin
wwww.fabiakarklin.com
fabiakarklin@gmail.com

Fábia Karklin, São Paulo, 1979, é artista multimídia, fotógrafa e performer. Fotografa resíduos de narrativas da cidade: plantas, sementes, corpo, trabalho, festa e luta. Há algo de autobiográfico no seu trabalho, mas seu objetivo é criar entrelaçamentos e aberturas de sentidos de mundo. É coletora de sementes da cidade e brotadeira. É da rua que seu trabalho nasce. Pesquisou Black Bloc e Reclaim the Streets na graduação e o Ilu Obá de Min na pós-graduação. Está interessada nos encontros e na potência política deles. Trabalha a partir da perspectiva do co-impacto, da composição, e pensa a arte como conversa que faz a vida ter caminho. Integrou o coletivo Travessa e o grupo de estudos MOLA. Durante a pandemia, contribuiu com o projeto Mulheres Possíveis (projeto com mulheres em situação de cárcere). Integra o coletivo Saracura Vai-Vai, desde o início, e o grupo LACUNA desde 2024. Suas principais obras são Cuando Ellos Dejaron de Gritar (EAC/UY), Barco-Noukanshi (EAC/UY), O que um cará pode ser? (Zipper Galeria), Zona de Amortecimento (RAM - Mutuca) e Trincheira (MOLA). Participou de quatro residências artísticas: Residência Sala-Taller (EAC- Montevideo), Residência Subversiva (Travessa Roque Adóglio), RAM - Mutuca (Altamira - Minas Gerais), Kaayasá/Mola. Atualmente fotografa Candomblé Nagô e Angola e duas equipes de MMA (ThaiUnit e RoundbyRound), pesquisando intersecções entre estes universos. Produz atualmente a performance Dormência, com direção de Karen Menatti e Sandra-X, que entrelaça narrativas de lutadores, família de santo e histórias pessoais.

PALAVRAS-CHAVE
CORPO, COMPOSIÇÃO, ENTRELAÇAMENTO, SEMENTES, AMBIENTE, POLÍTICA, DESLOCAMENTO, RUA

Agatha Pereira_

_ENTRE DOIS OLHARES

Sabe quando a gente se perde no tempo, distraído, só olhando?

As pessoas passam, os sons flutuam, e não demora muito para que os problemas desapareçam, as obrigações se percam no armário da mente, as preocupações se tornem coadjuvantes, e aquele horizonte automatizado, quase invisível, que se apresenta à nossa frente, escape da lógica e acenda a nossa imaginação, ganhando um sentido inesperado.

O mundo muda.

Outro dia, estava pensando exatamente sobre isso: como o ato de **observar** pode ser o começo de tudo.

Antes da palavra, do traço, da ideia, vem o **olhar**, esse gesto silencioso que conecta sentidos, cria histórias, desenha no ar, com ferramentas imaginárias, um mundo simbólico. Um mundo onde o significado não se impõe, mas se revela aos poucos, no tempo do sentir. Porque antes da **ação**, há o **olhar** atento, aquele que pausa, percorre, absorve. Assim, posso afirmar por experiência própria que, ao praticá-lo, abre-se um campo fértil, em que o processo artístico começa a tecer conexões químicas e físicas. Um processo que nasce da escuta visual do mundo, que ultrapassa a superfície e busca sentido concreto nas formas, nos gestos e nos detalhes mais sutis. É ali que emerge a essência de ambos os lados, o encontro magnífico entre significados, sentimentos, interpretações, histórias, e vidas.
E nesse meu território sensível, três ferramentas se destacam como mediadoras entre percepção e expressão: o desenho, a fotografia e a poesia. Cada uma à sua maneira,
traduzem o meu mundo observado em linguagem.

O desenho, por sua natureza manual, revela muito mais do que formas: ele carrega o ritmo do corpo, a hesitação do gesto, a emoção do instante. O traço registra o tempo, o erro vira estilo, e a mão aprende a pensar por si mesma. Desde pequena, o desenho foi minha primeira linguagem. Por ser uma criança calada, extremamente observadora, encontrei no lápis e no papel um espaço seguro para extravasar sentimentos que eu ainda não sabia nomear. Desenhava minhas dúvidas, minhas descobertas, meu silêncio. Era ali que eu me escutava. E é ainda ali que, até hoje, reconheço minha voz mais intuitiva. O desenho, para mim, é onde o mundo começa a se traduzir em imagem, não como ele é, mas como eu o percebo.

A fotografia, por outro lado, me ensinou o valor do instante. Como processo mecânico, ela congela o tempo e transforma o efêmero em memória visual. Mas, mais do que isso, ela revela o invisível, aquilo que só se nota depois, no detalhe esquecido, no gesto interrompido. Meu encantamento com a fotografia começa na minha infância, por influência de um grande amigo da família, que trabalhava como fotógrafo jornalístico internacional.

Ele carregava histórias em forma de imagens. Enquanto falava, mostrava suas fotos e era nelas que o tempo ganhava textura. Foi ali que percebi que uma imagem pode conter muitas camadas de tempo, de presença e de ausência. A fotografia me educou a **olhar**, com mais intenção, a perceber o que há de narrativo no cotidiano. É uma ferramenta que até hoje amplia meu olhar e me devolve pedaços do mundo que eu não teria visto sozinha e que também mostra ao mundo os meus retalhos.

E a poesia, essa arte onde me coloco, com respeito, como uma simples apreciadora, tem algo de sutil e essencial. Pela escrita, ela transforma sensações, emoções e pensamentos em palavras que ecoam. É a voz que expressa o que o silêncio sentiu e o **olhar** percebeu.

Tendo uma relação afetiva com a poesia, sinto que devo explicar porque esta arte é tão importante para o meu processo. Cresci num ambiente onde a poesia sempre esteve presente, circulando pelos cantos da casa, escrita em pedaços de papel de todo tipo, pronta para virar música ou simplesmente repousar no fundo de uma gaveta. Sempre acessível quando a curiosidade fomentada pelo ócio estivesse circulando pela casa encarnada em corpo de criança. Desde cedo ela me permite habitar o mundo com mais profundidade e intimidade, como uma ponte necessária entre o meu sentir e o sentir do outro. Ela palavreia o vago das relações e amplia aquilo que, na superfície, poderia parecer pequeno, mas no ato da interpretação se torna um universo, expressando o que o **olhar** percebeu em algum momento, de uma outra vida, de um outro tempo.

Essas três linguagens em conjunto criam um espaço para experimentação e comunicação. Cada uma expande a capacidade de contar o mundo, expressar o que se vê, o que se sente e o que se deseja recordar. Nesse cenário, **observar** transcende a ideia de apenas um ato e transforma-se em um método, um instrumento potente para criação e conexão.

Observar se torna o primeiro gesto criativo.

Nesta busca de elementos que traduzissem a minha percepção de como funcionam para o meu processo criativo – o desenho, a fotografia e a poesia – e que mostrasse o seu poder na captura do meu mais íntimo sentimento, algo não muito fácil de trazer à tona, nem mesmo através de sessões de terapia, eu apresento a seguir o meu mundo em **observação**.

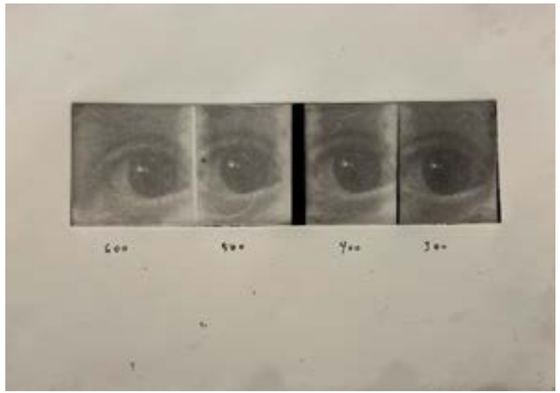


Agatha Pereira, 2017, Impressão AGALAB - Amsterdam - Processo Toyobo *

Deixe seu olhos vagarem por um tempo sobre a imagem antes de buscar a informação no texto que se segue. Escute seu silêncio. O que lhe traz de informação?

A fotografia original revela o semblante de uma criança. Nesse rosto pequeno e expressivo, residem inúmeros detalhes: a boca suja de chocolate e as bochechas preenchidas pelo que come, podendo ser um doce que provavelmente foi devorado em um ato incontrolável, na ânsia pelo prazer gustativo todo de uma vez, bem natural de uma criança que ainda não está moldada pelos controles. Sem contar aquilo que não está na fotografia, mas que temos como informação, ou imaginação — como o possível corte manual dos cabelos, provavelmente feito pelas mãos da mãe, o penteado improvisado feito às pressas pela inquietude da criança e bagunçado pela agitação do dia. Muitas informações que podemos obter pela imagem disponibilizada através de uma fotografia, e as informações que são construídas pela nossa percepção histórica pessoal.

No entanto, há um recorte que, inevitavelmente, capta minha atenção, seus olhos.



Agatha Pereira, 2017, Impressão AGALAB - Amsterdam - Processo Toyobo *

Os **olhos**, fonte de múltiplas interpretações, possui a capacidade de comunicar aquilo que palavras não alcançam. Com o tempo e a maturidade, aprendemos a filtrar as mensagens que desejamos transmitir, a vestir máscaras sociais, a ocupar moldes esperados. Tornamo-nos personagens cuidadosamente esculpidos pelas exigências do mundo. E, ainda assim, permanece incontestável: não há expressão mais autêntica e desarmada do que a contemplação de uma criança.

A lembrança do momento em que esta imagem foi capturada já se perdeu no tempo, e a memória, cada vez mais falha, traz recortes anuviados. Já não é mais possível sentir o que estava atrás desse **olhar**. Quando separo apenas um dos olhos da imagem a intenção foi excluir os ruídos de percepção e com isso tentar capturar novamente a sensação perdida no tempo. Será medo? Surpresa? Cada um de nós terá uma interpretação e ela nos toca de acordo com o nosso estado afetivo imediato, ou através da conexão de nossas experiências pessoais de outros tempos.

Dando continuidade ao pensamento sobre o **ver**, esse espelho puro e incontornável da alma, apresento agora duas fotografias.



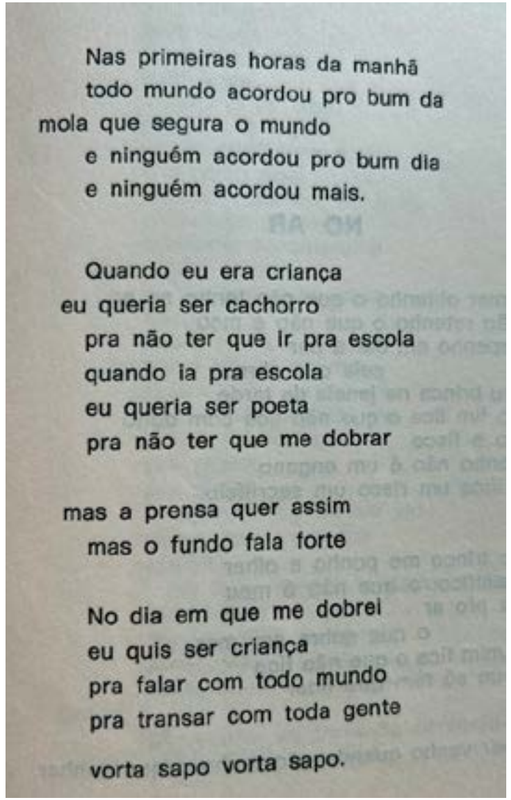
Agatha Pereira, 1999, Praça da republica - Sao Paulo - Fotografia / Papel / Impressão em Câmara Escura / Canon EOS 1V

Ambas foram capturadas quase que no mesmo instante, sob perspectivas distintas e passando diferentes detalhes e pontos de vista. Não cabe aqui descrever o que foi sentido ao registrá-las, tampouco direcionar sua interpretação, minha intenção é outra.

Vamos para mais um exercício da observação, essa prática tão simples e, ao mesmo tempo, tão profunda. **Olhe** com tempo, com presença, com curiosidade. Imagine cenários e diálogos, crie histórias possíveis e mergulhe no íntimo destas vidas, tentando, através delas, absorver sentimentos. Que esta proposta possa servir de ponto de partida para narrativas próprias, íntimas e sensoriais.

Observar é mais do que **ver**. É permitir que aquilo que está diante dos **olhos** alcance aquilo que pulsa dentro do peito. Que cada perspectiva sobre os universos criados através da arte seja também uma leitura sobre si. Que cada observador se torne um criador de sentidos, de memórias e de afetos.

Agora, compartilho abaixo uma poesia escrita por alguém muito próximo a mim, uma pessoa com quem, apesar do laço familiar, a vida nunca nos permitiu um verdadeiro aprofundamento afetivo. Até o momento, quando despidos de qualquer necessidade de poder, nos encontramos dois adultos, percorrendo páginas de poesias, escritas desde seu tempo de menino, onde minhas perguntas encontraram finalmente suas respostas.



Nas primeiras horas da manhã
todo mundo acordou pro bum da
mola que segura o mundo
e ninguém acordou pro bum dia
e ninguém acordou mais.

Quando eu era criança
eu queria ser cachorro
pra não ter que ir pra escola
quando ia pra escola
eu queria ser poeta
pra não ter que me dobrar

mas a prensa quer assim
mas o fundo fala forte

No dia em que me dobrei
eu quis ser criança
pra falar com todo mundo
pra transar com toda gente

vorta sapo vorta sapo.

Antonio Lins - trecho -Sem título - década de 70 - do Livro "Esse trem, esse trem, esse trem mambembe" de publicação pessoal e distribuição limitada.

Abrindo um outro parênteses, percebi, enquanto criava este texto, contendo não só um pouco, mas mesmo parecendo pouco, muito de mim. Por trás dele, das palavras, das imagens compartilhadas, das poesias, existe uma conexão interna sintetizada entre mim e a minha história.

Ao me deparar com essa poesia, o primeiro impacto, ao ler as frases que dançam entre as linhas dessa obra, foi o de um resgate inocente e quase esquecido da infância, o retorno àquela fase em que desejávamos, com pressa e ingenuidade, sermos adultos, sem saber que esse talvez fosse nosso primeiro e mais tolo desejo.

À medida que a leitura avança, o texto atravessa o tempo e me alcança no presente, como um tapa certeiro, lembrando das pressões, cobranças e rigidez que a vida adulta nos impõe. E, nesse instante, tudo o que desejo é voltar àquele tempo em que o beijo da mãe era tão constante que, por vezes, parecia excessivo, mas que hoje, percebo o quanto era o mais puro e precioso gesto de amor. E expando para o resto de nós um pouco daquela sensação.

Percebo quantas camadas se desdobram a partir de algo que, à primeira vista, parece tão simples quanto o **ver**. O **observar** é, antes de tudo, um exercício de presença. É algo muito diferente de simplesmente passar os olhos, sem profundidade.

No meu **olhar** disperso, por exemplo, eu percebo quando entro naquele estado de devaneio: meus **olhos** estão fixos em algum ponto, mas minha mente vagueia por territórios desconhecidos.

Já no **olhar** crítico, me vejo em posição de julgamento: analiso, meço, comparo. É funcional, muitas vezes exigido pelas práticas sociais e profissionais que desempenho.

Mas é no **olhar** atento que encontro minha potência criativa, minha escuta. Quando me permito **ver** além da superfície e me conecto com o que está diante de mim, seja um objeto, uma cena cotidiana, uma fala ou um gesto, eu começo a desenhar sentimentos e significados íntimos. E o prazer que sinto vem do processo, não do resultado. O resultado torna-se o êxtase final, o prazer efêmero. Às vezes, isso se transforma em arte, outras vezes, o próprio ato se dissolve em silêncio, servindo apenas como espaço de descoberta e diversão pessoal.

Esta técnica pode parece complexa, porém ela está entre nós, requer concentração e treino. E sei que é possível afiná-la como quem afina um instrumento. Quando sinto que estou em um momento de epifania eu escolho **observar** com mais profundidade, eu me convido e me desafio a despir minha alma de algumas das amarras que a sociedade usa pra me limitar: os tais filtros.

Não estou falando do **apagamento** da minha história, nem de ignorar os valores que carrego. Mas sim de, por alguns momentos, colocar de lado os pré-conceitos e abrir espaço para o que se apresenta com uma mente receptiva, disposta a ver o novo sem as lentes do costume. Talvez por isso mesmo, durante meu

desenvolvimento como artista, eu tenha começado a enxergar com mais clareza as camadas da minha própria história, aquelas que, por muito tempo, estiveram encobertas pelo que foi imposto como normal, necessário ou aceitável.

É justamente nesse estado de libertação que sinto o processo criativo atropelar estas barreiras cegas, com o objetivo de controlar, mantendo, a todos, cativos e obedientes. Nesse modelo autoritário, que se desenha há décadas, há séculos, às vezes recua, outras avança, mas sempre revela a necessidade dos mais fortes de impor respeito e se sobrepor até mesmo às manifestações mais autênticas, rotuladas de rebeldes. Essas manifestações, muitas vezes, vêm de quem já carrega dentro de si a alma vanguardista, seja ela de um cientista, seja ela de um artista.

E foi nesse exercício sensível de aceitação do meu próprio destino que eu passei a reconhecer, com mais nitidez, os silêncios e apagamentos que marcaram, e ainda marcam, tantas relações ao meu redor, especialmente aquelas dentro da minha própria família.

Aquela dor de ser ensinado a não ser você mesmo, e a cicatriz invisível de ter que sobreviver se moldando ao invés de se expressando. Eu chamaria de crueldade silenciosa do apagamento do indivíduo autêntico.

Há uma crueldade que não grita, não sangra, nem deixa marcas visíveis. Ela opera no silêncio das estruturas sociais, nas entrelinhas dos manuais de "boa criação". Essa crueldade se manifesta quando, em nome do respeito, se impõe o medo, quando, em nome da ordem, se sufoca a expressão, e quando, em nome do amor, se exige obediência cega.

Hoje, ao resgatar a poesia escrita por alguém reconhecidamente silenciado por esse sistema, é como se eu abrisse uma janela para aquilo que poderia ter sido. É também um convite à escuta, à revisão, ao encantamento, ao conhecimento daquele ser que uma vez teve o único papel, ser meu pai. A vida deu suas guinadas e agora o reencontro como um amigo, que teve uma vida antes de conhecer minha mãe, que viveu seus dramas, que sofreu desamores, que criou infinitas páginas de poesias, infinitos olhares registrados com palavras.

Quanto eu menciono sobre liberar a mente dos limites invisíveis, também abraço o poder do diálogo. Também no processo criativo, **observar** e dialogar funcionam como dois lados de uma mesma escuta. Ambos exigem presença, suspensão do julgamento, curiosidade e abertura ao inesperado. Consequentemente posso acrescentar que assim como **observar** é dialogar em silêncio, dialogar é **observar** com palavras.

Enquanto eu me sento num banco de praça, mergulho com toda a minha presença no ambiente, escuto os pássaros, os carros, as vozes ao redor. Coleto as imagens, faço conexões inimagináveis, crio histórias, que se tornam matéria-prima para a minha expressão artística. Confesso que tem sido cada vez mais uma tarefa difícil, com o tanto de interferências que a vida moderna nos impõe com seus estímulos constantes nos atraindo.

Nos dias atuais, mesmo quando estamos fisicamente no mesmo espaço, muitas vezes estamos conectados a outro mundo, o digital. Os pássaros que chamam atenção não são os que voam diante dos olhos, mas os que aparecem na tela, acompanhados por trilhas sonoras que modulam emoções. É como se a emoção viesse embalada, pronta para o consumo. Mas ainda assim, há ali uma forma de observar, talvez não a que eu conheço, mas uma observação moldada por outros códigos.

Eu sigo acreditando na força do observar. E, principalmente, na arte como forma de dar corpo a esse processo. Quando uso a fotografia ou o desenho, estou traduzindo aquilo que sinto ao olhar. Tento imprimir no mundo uma emoção concreta, mesmo que efêmera.

O lápis e a câmera são os instrumentos que uso para mediar o que existe entre dois olhares, dois pontos, dois objetos, duas pessoas, dois sentimentos: o de quem observa e o de quem se deixa ver. E é nesse encontro, temperado por tempo, cultura e linguagem, que ainda habita o que há de mais artístico em nós.

Neste momento, me veio uma pergunta que, quando feita, ficou sem minha fala, talvez porque de certa forma, na ocasião eu estava confusa com o que poderia vir a determinar o que é ser artista, que artista sou, ou pior, será que sou uma artista.

A resposta acabou de chegar: Sim, sou uma artista!

Que aprimorou o ato de **observar** e desenvolveu habilidades para transformar o invisível em alguma forma de presença. **Observando** o vivido e transformando-o em linguagem. Eu aceitei que existe uma delicadeza em captar o que muitos deixam passar, deixando me atravessar pelo mundo, sem defesas imediatas, sem precisar entender tudo de cara, e sem precisar ter as respostas. Eu sinto primeiro e depois tento dar forma ao que ficou. Tem dias que isso vem fácil, quase sem esforço. Em outros, em sua maioria, é mais confuso, quase pesado. Às vezes uso papel, outras vezes é a tela, a lente, a palavra ou até o silêncio, o meio, sinceramente, pouco importa. O que importa mesmo é estar inteira no momento e no processo, sem medo de que eles me afetem. E vão me afetar. E que me afetem. Porque, no fundo, ser artista não é só produzir algo bonito ou impactante, é construir pontes entre o que a gente sente e o que o outro talvez precise ouvir, ver, tocar.

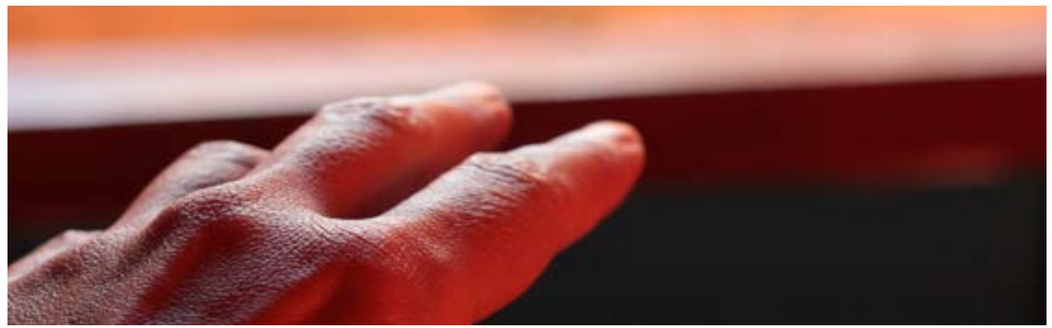
Ser artista, pra mim, é justamente isso, estar atento a esses encontros que somente o observar permite.

Ana Reis_

se distanciar de si: pistas sobre a alienação e as linhas de fronteira

O primeiro passo é uma espécie de dúvida.
A ausência de confirmação de algo que não vem, quando o mundo não responde, se cala, me ignora, me invisibiliza.











Penso se há algo de errado comigo, penso se sou uma fraude, um engano.

Aos poucos vou perdendo a linha dos meus traços, dos meus gostos, da minha face, não vejo meus contornos.







É o mundo que se afasta de mim, ou sou eu que me afasto dele?

Já não sei mais.

Quanto mais me aproximo mais me sinto borrada.

Não tem jeito, por mais que eu tente, não me encaixo, não me cabe.

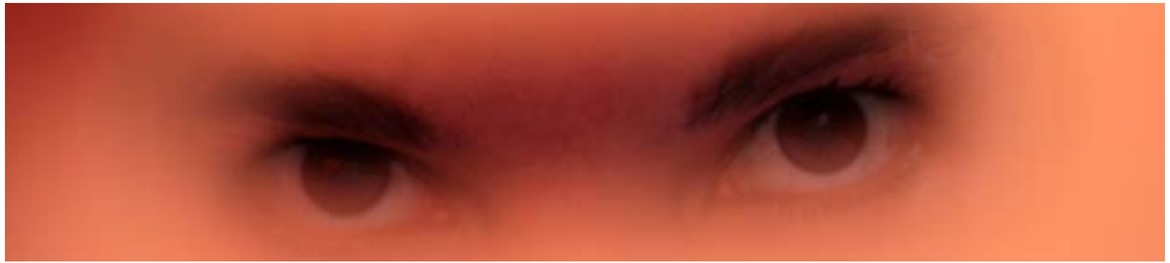
Ouço palmas, gestos de reconhecimento e validação, e eles não são pra mim. De certo, não sou merecedora.
E se forem, de que importa, tem pessoas que morreram em manicômios, outras que nem tem o que comer e eu aqui preocupada com ser vista, percebida, ser reconhecida como artista.

Caminho mais alguns passos para trás, além de tudo, posso estar corrompida por dentro.

Agora, eu e o fundo da paisagem nos confundimos mais e mais. Não consigo distinguir meus traços. O que pensam de mim? Como me olham?

Deve haver algo no meu olhar que entregue meu desespero, minha i n c o n f o r m i d a d e .









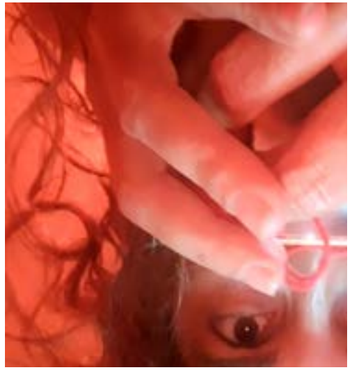
















fora da casa dentro da caixa fora da casa dentro da caixa fora da

fora da casa dentro da caixa fora da casa dentro da caixa fora da

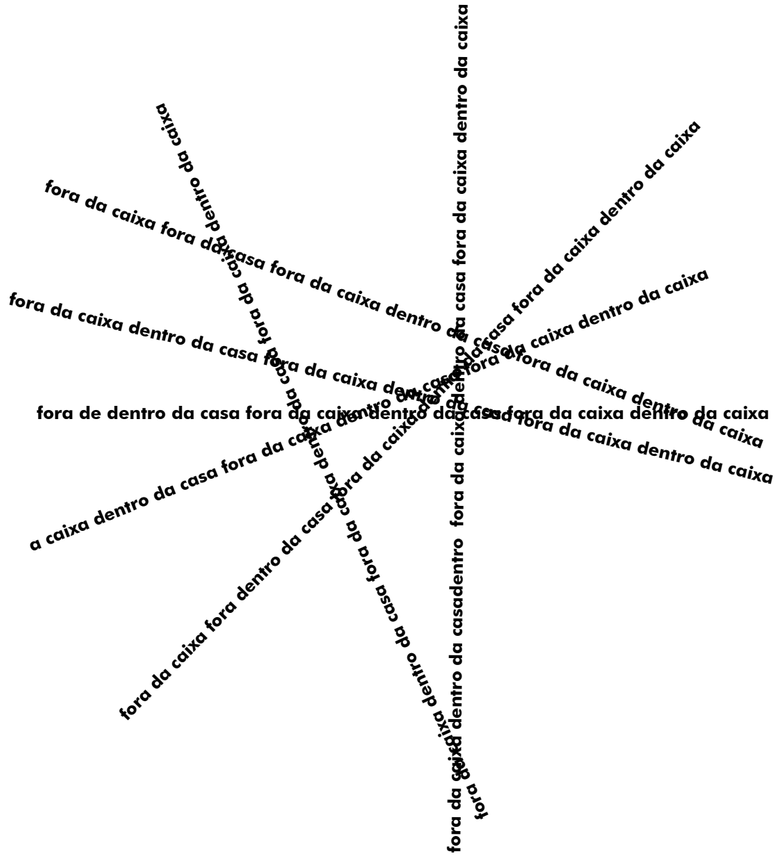
fora da casa dentro da caixa fora da casa dentro da caixa fora da

fora da casa dentro da caixa fora da casa dentro da caixa fora da casa

dentro da casa dentro da caixa fora da casa dentro da caixa fora da casa

fora da casa fora da caixa fora da casa dentro da caixa fora da casa

fora da casa dentro da caixa fora da casa dentro da caixa fora da casa



fora da casinha----------

Rafael Calixto_

Classic à toda prova!

Rafael Calixto
29 jun. 2025

Outro dia vi o Monza do Geraldinho passar. No teto, em cima do rack improvisado, ele transportava uns pedaços de madeira que ia usar na obra. No aparelho de som, um pen-drive espetado. Nos alto-falantes, Raquel dos Teclados. No ar, cheiro de cigarro barato com gasolina queimada pelo motor OHC 2.0, rajando, rodado e cansado.

Geraldinho manja de solda, alvenaria, elétrica e hidráulica, entre outros bichos. Tá sempre calibrado, com a face rosada e brilhosa.

Desenrola.

No toque, é o ódio, ninguém pega!





No balcão, antes de sair da vila, Geraldinho já pede uma pra esquentar, abrir os caminhos. Névinha abre cedo o bar.

Não deu outra, passou na casa do Jurandir; ele ainda não estava pronto. Tava virado – as madrugadas no posto de gasolina têm sido frenéticas.

Café forte, San Marino e martelete!

Tudo pronto, vamos!

Agora é só passar na goma do morcegão e seguir para a reforma na casa do doutor Markus.

Morcegão é metaleiro pesado, curte Cérebro de galinha, Catarro, Slayer e Vivaldi. Já bateu muito cabelo na Led Slay e no Fofinho. De sobretudo na CB400 ninguém segura, só cabelo que voa!

Depois de duas horas e meia perdidas no trânsito congestionado entre Radial Leste e avenida 23 de Maio, lá se foram mais de dez San Marino, bastão nicotinoso da melhor qualidade, pra quem pita.

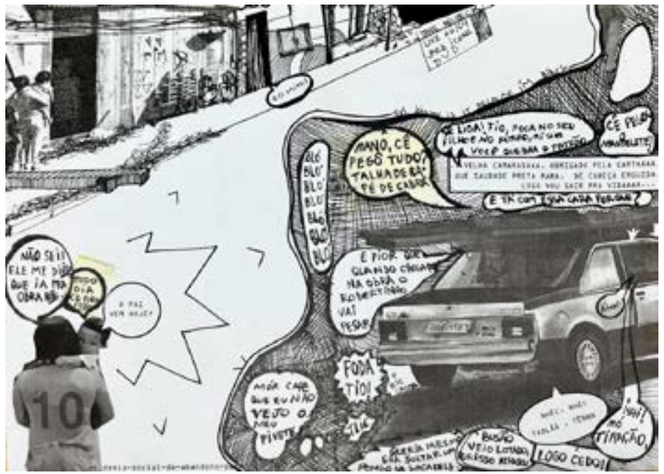
Quem não conhece não acredita!

O trampo era simples, pelo menos para o doutor Markus: quebrar uma parede na área gourmet, encher a caçamba – não podia passar mais que um dia na frente da casa. Feria a estética do condomínio. O caminhão retira às 17h, sem choro nem vela! Nem adianta! Dá multa. Quem aplica é a Associação do Bairro, rigorosa, impecável. Implacável!

Doutor Markus veio para o Brasil depois da meia-idade, se apaixonou por uma moça advogada bem-sucedida. Compraram uma casa no bairro do Morumbi e se isolaram dos perigos da cidade grande.

Café da manhã à beira da piscina, esperando o personal trainer qualificado chegar.

Gol de placa!



Antes de construírem o condomínio no terreno, existia uma ocupação de moradia; esgoto a céu aberto, crianças na banguela, no vento.

Primeiro, chegou o menino que faz pesquisa. Depois, o trator com a viatura. Reintegração de posse.

Vê se pode?

Sorte grande foi a do doutor Markus, acertou na venda de uma obra de arte herdada do vovô ao mesmo tempo em que a equipe montava os estandes para venda dos futuros lotes.

Deus é bom o tempo todo mesmo!

Enquanto isso a markita cantava na parede. Jurandir suava mais do que tampa de marmita, só poeira que voa. Morcegão no piloto do carrinho de mão é sem massagem. Rampinha de madeira improvisada apoiada na caçamba, pega embalo e no topo da rampa manda as manoplas para o alto, derrama! O ciático chega a cantar, conversa com ele a tarde toda!

Final da tarde, liberdade cantou!

Só não pra quem vai enfrentar o caminho de volta, 23 de Maio e Radial Leste.

Será que chove hoje?

Partida no monza, patchouli no ar, aquela puxada no afogador.

Álcool precisa esperar pra sair.



Diogo Nógue_











Estive
à beira de me perder:
olhar em mim e não reconhecer.
Nem de caneta e papel, nem
de tela e pincel — nada fazia sentido.
O pó de giz apagava minha digital.
A cada reunião, conselho, chamada de pais, um pouco de mim ficava para trás.
As crianças brigavam entre si, riam da ideia de comunidade,
não viam — dentro, ou dos muros — sombra de civilidade.
Estive à beira de me perder. Em seis anos de ensino, construí planos, métodos.
Juntei livros, repertórios, ideias.
Já não tinha certeza de ser artista. Já não tinha certeza de ser professor.
A sanha de criação ruía, sugada pela constante luta com o opressor.
Dois divididos, dois a se esvaziar. Joguei sementes no concreto, sonhando com o desabrochar.
Dizem para não plantar esperando deitar-se à sombra de uma árvore.
Não sei se plantei algum fruto para o futuro.
Ao suor do rosto — E quanto a mim, devo secar?
Primeiro, o professor financiou o artista.
Depois, o artista passou a alimentar a boca do professor.
Logo, o artista não comia mais, e o professor era comido por dentro...
Não se olhavam mais.
Tentaram podar meus ramos na virada do ano.
Na virada do ano, cortaram as raízes do professor. Jogaram
fora seus materiais, seus tambores, seus livros, suas tintas.
Foi alienado de seus projetos e ferramentas.
Da mesma forma que o cansaço e a angústia haviam alienado o artista.
Estive à beira do precipício. Dei um passo — e o chão surgiu.
E outro passo. E outro passo.
E, do caminhar, se fez uma ponte.
Do outro lado, olhava para meus "eus" perdidos,
dando adeus à ideia de fracasso.
Sonhei com uma ponte
em minha cabeça.



Arte da Afro-diaspora

- Africano/Afro-diaspórico como posição política
- Contracolonial.
- Agência, auto-determinação e localização.
- Afrocêntrica - Resgata e dialoga com as Cosmogonias da África Negra.
- Reflexão crítica sobre Pan-Africanismo
- Artista trabalhador - contra supremacia Branca / Genialidade / monocultura.
- Encanteria - O artista pode vibrar energias.
- Coletiva - O artista coleta encantos e os re-energisa.
- Comunitária - O artista encanta para seu povo.
- Arte é útil - Sankofa - Ubuntu.

Fábia Karklin_

A arte baleia viva escorrendo pela garganta. (um título)

> Causos/3
> O que é a verdade? A verdade é uma mentira contada por Fernando Silva.
> Fernando Silva conta com o corpo inteiro, e não apenas com palavras, e pode se transformar em outra gente ou em bicho voador ou no que for, e faz isso de tal maneira que depois a gente escuta, por exemplo, o sabiá cantando num galho, e a gente pensa: Esse passarinho está imitando Fernando quando imita o sabiá.
> Ele conta causos da linda gente do povo, da gente recém-criada, que ainda tem cheiro de barro; e também causos de alguns tipos extravagantes que ele conheceu, como aquele espelheiro que fazia espelhos e se metia neles, se perdia, ou aquele apagador de vulcões que o diabo deixou zarolho, por vingança, cuspindo em seu olho. Os causos acontecem em lugares que o Fernando esteve: o hotel que abria só para fantasmas, aquela mansão onde as bruxas morreram de chatice ou a casa de Ticuamtepe, que era tão sombreada e fresca que a gente sentia vontade de ter, ali, uma namorada à nossa espera.
> Além disso, Fernando trabalha como médico. Prefere as ervas aos comprimidos e cura a úlcera com plantas e ovo de pombo; mas prefere ainda a própria mão. Porque ele cura tocando.
> E contando, que é outra maneira de tocar[1]. (GALEANO, 1997, p. 68)

Construir encontros a partir do acontecimento, me reconhecendo como conjuntos móveis no tempo, traçados a partir de pontos de ancoragem e rede de interferências e fluxos, é o que me pega. Me pega na mão, mãos dadas mesmo. Não me interessa pensar a arte que faço se isso for oferecer sentidos ao fazer. Me explico, não me levem a mal: não me interessa o movimento de me afastar de algo que sou neste instante para paralisar o tempo, construindo totalidades de discurso para informar, constituindo campos identificáveis, aquilo que foi experiência particular de me ver enquanto me abro. Gosto da ideia de convidar para ir junto e que sentidos se abram nessa caminhada de parceria.

A rua sempre me informou e quem se informa pela rua sabe que nela o que vale é presença, experiência, encontro e proceder. Conduzir meu trabalho artístico deste modo é encruzilhada, sem dúvidas. A cada novo passo, um novo jogo se abre, uma nova trama de experiências. Sem representações simbólicas, procuro discursos. Quem conversa o quê e com quem? Escuto discursos que se sobrepõem e me abro ainda mais para que tenham espaço. O que me interessa é escutar e tento contar, como consigo, para quem quiser ouvir, o que escuto. Escuto com esse corpo que tem história, como todo corpo e a cada trilha, crio ilhas de memórias neste corpo com o qual existo.

Nessa noite, sonhei com um homem que vinha junto com uma casa alugada pela mãe dele. Ele era um homem que controlava sua violência com cadeados. Ele tinha os cabelos como os meus, desses de passarinho. Em todos os nossos encontros, ele pedia: – nunca esqueça de fechar o cadeado. Eu não gostava da ideia dessa presença na casa que eu carrego em mim, mas aceitava, afinal ele estava lá muito antes de mim. O homem que ficava sempre do lado de lá do portão de ferro, tinha muitas estantes cheias de livros. Ele gostava muito. Precisei em algum momento do sonho, por algum motivo que só o sonho sonhado entende, de um livro do Eduardo Galeano: O livro dos abraços. Aproximei-me do portão e pedi: você tem? O homem prontamente sentou-se para buscar o livro em seu banco de dados, disponível no seu computador da década de 90. Eu, do lado de fora da parte dele da casa, aguardava. Homem-biblioteca, eu pensava. – Eu tenho. Pegue e fure,

com o dedo indicador, bem no miolo do livro, ele disse. Achei magnífica a organização e a sugestão do homem violento. Peguei o livro e fui viver o restante do sonho, em tropeços, dedo em riste, abraços em rodopios no eixo indicado.
Acordada bati os olhos na estante de madeira, mais velha do que eu: entre Cercas e janelas e A instituição imaginária da sociedade estavam os Papéis inesperados, do Júlio Cortazar. Era dia e eu tinha vontade de brincar. Escolhi uma brincadeira antiga, dessas de adivinhos. Duas regras explícitas: não vale roubar e é necessário ler em voz alta o trecho onde os olhos descansam. Não temos muito tempo, alguém em mim avisou. Vamos, pensei em voz de convencimento, é um passeio. Decididas, começamos. O livro saltou da estante, coelho, e facilmente, após criado o encontro, disse:

> – Aparentemente tudo se apresenta muito bem. Nada mais lógico e mais belo: incumbe ao criador a formação do público. Há criação, há comunicação ao público, há enriquecimento da vida cultural da sociedade. Infelizmente as coisas estão muito longe de ser tão simples. Infelizmente, também, posso me enganar; isso acontece com os cronópios o tempo inteiro, e em parte é por isso que são cronópios; em parte por isso e também porque depois de errar começam de novo e às vezes acertam. Escrevo essas linhas entre gritos, aplausos, ações, protestos, mojitos, delegados geniais e menos geniais, calor, terceira comissão, coquetel de frutos do mar, coisas assim. (CORTÁZAR, 2010, p. 252)

Paramos para ouvir sem saber quem são os delegados, nem em que mar eles estariam navegando, mas seguramente sabemos que para o lado de cá do texto, o lado desta que lê e oferece para vocês esta leitura, coquetéis feitos de gritos nos parecem mais relevantes do que o acerto dos cronópios. Nosso pensamento é interrompido por ele, exigindo a escuta de mais um trecho:

> – Nesse espetáculo pavoroso (a palavra não é forte demais) se assiste ao sistema que a sociedade de consumo aplica, aliada naturalmente à concepção e à defesa do capitalismo em qualquer dos seus matizes ou denominações, para uniformizar o público, levá-lo à unilateralidade de uma visão do mundo e da vida, à padronização de uma massa indefesa frente à terrível força que têm o encanto, a beleza, o atrativo deliciosamente demoníaco dos recursos empregados por essa niveladora do espírito, por essa máquina de falsa cultura que é a formação vista com tais fins e por "tais criadores". (CORTÁZAR, 2010, p. 253)

Escutamos com a atenção devida e ponderamos como se é de ponderar: ninguém aqui quer uniformizar nada, meu velho; não há massa indefesa, não. Somos de outro lugar, pensamos e fazemos arte. Aberta a assembléia, muitos inscritos. As ponderações seguem distantes, ruído de carros em estrada vazia. Um grupo senta ao pé do meu ouvido esquerdo e em jogral me diz:
– Sabemos que, por aqui, mojitos, calor e mar se reúnem aos homens que vêm junto com as casas alugadas. Sabemos que criamos assim e que recusamos os fechamentos quase como teimosia. Assim como Cortázar, cheias de "patinhas", seguimos sem explicar. É importante apenas explicar o nós, essa primeira pessoa do plural que aparece.
– Ela veio para facilitar, me disseram, cansados. Ela é esse conjunto: Fábia, dedos, livros, correntes, mojitos.
Não ficaremos com ela muito tempo e por hora ela devolve a palavra para o sujeito mais ou menos consolidado do processo, esse que a gente finge que anda fechado. Ao sujeito que acha que sonha: para essa que assina texto e obra, que hoje se chama Fábia. Volto ao sonho, ao homem e aos abraços perfurados pela ponta do dedo indicador, livro mole, transpassado, livro-poro.
Volto Fábia, eu do sonho, ao homem e aos abraços perfurados pela ponta do dedo indicador, livro mole, transpassado, livro-poro. Volto ao processo de estar nessa relação constante com o mundo que é pavão de brinquedo, água na garrafa plástica, mel apertado demais em dia de frio, pote de manteiga lambuzado, um resto de pó de café na xícara, as plantas secando de frio, as comemorações do jogo na vizinhança, o elevador quebrado, o homem de bigode com seu martelo, a moça nua e entediada na janela da frente e uma âncora na navegação: Cartografia para caminhos incertos, do Ian Frazer. Aleatoriamente abro e os encontro ali, com suas barrigas de baleia viva, bem Cortázar: os meus pontos que nunca são finais:

> – O ponto-final é a morte de toda história, e a gente jamais dá dois segundos de atenção a ele. E é natural que seja assim, porque o ponto-final nada mais é do que um pingo no papel, uma gotícula de tinta. Mas com a nossa própria finitude, com a nossa própria mortalidade, não conseguimos ser tão indiferentes. Olhamos para o nosso ponto-final não como um pingo, mas como um grande oceano que afoga toda a nossa essência" (FRAZER, 2025, p. 77)

Acho graça. Acho graça de me achar ali, com barriga de baleia viva, bem Cortázar, esse meu trabalho cheio de micro-pontos que nunca são finais, essas minúsculas manchas espalhadas na folha como uma revistinha infantil da década de 80, dessas de criar, se der vontade, figuras meio bonitas, meio feias, variando conforme o gosto. Acho tanta graça. Graça da essência, desse oceano de baunilha com canela onde as pessoas se agarram. Achar graça me desanuvia os ombros e me bota um sorriso de água mexida que se instala no canto da boca. Pontos-finais oceânicos com geleiras e ilhas, zonas abissais e superfície. Acho graça ser ponto-nada-final, miolo de baleia, aroma de canela solta no mundo.
Sei que estou pegando a rua na contramão e vocês esperam que eu volte para o sentido dos sentidos do fazer. Engulo água e subo, como quem tem pressa. Arrumo os óculos no nariz-escorregador do parquinho velho da Praça Almeida Júnior e sigo, agora com a graça depositada na saliva que brota na língua, um oceaninho. A arte que faço, quando se explica, se perde, fica triste e não gosta. Por isso escolho convidá-los, convidá-las, convidá-les para esse passeio comigo. Escolham seus lugares de partida, seus trajetos, seus sentidos. Eu gosto é disso e agora sinto a graça pulando dentro da minha boca feito peixe colorido, gordinho, em piracema. Convido para um brinquedo, desses que a gente entra e vai criando o seu formato na medida em que andamos. Falo brinquedo alto demais e os livros, esses enxeridos, pulam e exigem:
– Eu também, eu também!
Dou risada e, sozinha no apartamento da Vila Guarani, chamo todo mundo para uma conversa, finjo cara dura e olho nos espaços entre as letras que do lado de lá se unem como ventania na Praia Grande, passeata na Paulista:
– Mas gente… sério mesmo isso?
Animados, respondem sedutores, balançando lombadas e miolos, consentindo, brilho na boca das palavras escritas. Debate estabelecido, concordo em olhar sem grandes compromissos e, em devaneio, sabendo que mais vale mil devaneios na mão do que um instante de sofrimento psíquico voando, sigo:
– É sábado, gente. Tá frio, mas tem um sol lindo lá fora. São quatro da tarde e ainda não almocei. E hoje era dia de encontrar o mulungu-menino, desses que têm barco nos olhos.
Enquanto falo, um deles, homem do século XIX, europeu, querendo voltar ao sonho, ao devaneio a às essências de canela, me atropela:

> – um sonhador porém, um verdadeiro sonhador, que atravessa as loucuras da noite, estará tão seguro de ser ele mesmo? De nossa parte, duvidamos disso. O sonho noturno é um sonho sem sonhador. Ao contrário, o sonhador de devaneios tem consciência bastante para dizer : "Sou eu que sonho o devaneio, sou eu que estou feliz por sonhar meu devaneio, sou eu que estou feliz por graça deste lazer em que já não sou obrigado a pensar". (BACHELARD, 2009, p. 22)

Por aqui um grupo resmunga, alguns começam a assoviar todos os cantos de pássaro conhecidos, outros rodopiam, pontas dos pés de bailarinas cansadas. Sabemos, amigo, um deles diz:
– Sabemos que o fazer-se a si mesmo fazendo mundos é do mundo da poesia, mas não serve pra vida objetiva.
Outra, mais ranzinza, segue:
– Devaneio é palavra bonita, acharam um jeito para separar quem pode e quem não pode enlouquecer. Uns devaneiam, outros são lobotomizados.
Peço calma, silêncio, ofereço jujuba para os erês. Vamos pro salão, vamos brincar, convido, sem resposta. Ela continua, firme, corredeira de rio fechado:

– Escolhida para se opor à loucura, essa palavra demarcadora da diferença de lugar no mundo, devaneio vem para ser palavra bote salva-vidas dos fenomenologistas. Ela conclui e se retira, deixando reflexo de fim de tarde sobre a graça que havia se instalado. Em silêncio, procuro organizar a mesa enquanto a sala escurece. O miolo do juízo e a barriga vazia abrem caminho para outros que já estavam prontos, há muito tempo, para jogar palavras e plantar mundo:
– Quem define o verdadeiro? Diz sonoramente Grada Kilomba e a memória da plantação.
– E a loucura? O que é essa ideia de loucura, meu querido? Resmunga Foucault abanando o calor do corpo com a História da Loucura.
– Sonho sem sonhador para quem? Diz Castel Vitorino Brasileiro, com a voz de peito, dessas que enche salão, cozinha, terreiro e, em seguida acrescenta:
– Sonho transmutada, sonho coletiva. "A transmutação desse corpo foi traduzida para a linguagem colonial, e neste mundo tornou-se uma peste. Mas se eu incorporar o espírito de Tibira, vou assistir ao meu corpo se tornando um quilombo"
Sobre a felicidade, o lazer e a obrigação de pensar, eles viram a cara, torcem o nariz, mas não me dizem nada. Tire suas próprias conclusões, intuo, embaraçada.
Mesmo no alvoroço dos resmungos por toda a sala do apartamento ainda com alguns raios de sol entrando pela janela suja, Bachelard atrai meus dedos das mãos e me faz escrever as próximas linhas. Escreva, ele diz, não fale com essa voz que você espalha no mundo, só escreva, ou a galera vai querer sair pulando, folhas e folhas abertas espalhadas no chão por varrer. Então só escreva e vá almoçar um misto-quente na padaria da esquina. Ignorando o movimento dançarino dos livros, obedeço ao senhor branco do século XIX:

> – Eis o ponto de partida de nossas reflexões: todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, um germe de um quarto, o germe de uma casa.

Não respondo, são 16h49 e preciso comer. Antes de botar o sapato, me pergunto quantos cantos foram lugar de encurralar, germes de aprisionamento ou de armadilha. Mão na maçaneta, abro a porta e saio pensando como encolher-se em cantos abertos pode ser um modo de construir casas móveis, casas de rua, vibrantes e que escapam das violências a aprisionamentos do mundo. Mas, no caminho, na rua rachada pela pá cimentada, na rua da Jaqueira, um trecho resolve falar:

> – O prontuário do mês de setembro de 1981 indica mais um surto de Sueli. Alegando estar faminta, ela pegou uma pomba e comeu na frente de todos, dizendo que era seu único alimento. A cena chocante foi vista por centenas de pessoas inclusive pelos atendentes, mas ninguém conseguiu enxergar o óbvio: em que a jovem paciente havia se transformado em uma década de internação. Tratada como bicho, ela comportava-se como um. Decididos a conter a agressividade de Sueli, os médicos reuniram-se. Depois de horas de reunião, apresentaram como sugestão uma medida: arrancar a arcada dentária da paciente. (ARBEX, 2013, p. 125)

Volto para casa, são 18:40, com arcada dentária. Na rua, aberta por todos os lados, eu havia fechado os olhos para evitar que tanto entrasse. Quem me conhece, sabe. Sem ver, passo a passo na Avenida Jabaquara, rumo à padaria, precisei fechar os ouvidos. Depois foi fácil seguir, abrindo os olhos em piscadelas até acostumar com o que vinha. Depois do lanche, barriga quente de comida, as pessoas começaram a entrar aqui, a passar por essa pele fina que a gente leva pro mundo.
– Eu tinha vontade de bater minha cabeça na parede, diz o chapeiro do bar da esquina.
– Eu morava lá quando tudo era chão de terra. A gente aprendia a chorar e a levantar do tombo, sozinhas.
Duas mulheres conversam, encostadas na parede estreita ao lado do ponto de ônibus.
– A gente tem que ir onde o povo está, canta o homem parado, feito dois de paus, depois da catraca, dentro da estação Saúde.
Um dia eu perdi o movimento, a fala e a ação, parada no meio da multidão. Congelada, vi um homem se aproximar, ele gesticulava, falava algo e eu não conseguia entender. Meus olhos estavam arregalados, me disseram. Meus pés afundavam no chão, presos, meus braços abertos, um em cada direção, minha cabeça procurava o lugar mais alto, o teto, um fim para se encostar. O mundo entrou demais, concluí anos depois, medicada e com combinados familiares de nunca me darem eletrochoque.

> – "Eu quis seguir as imagens que abrem o mundo", sussurra meu amigo velho, "que engrandecem o mundo. As imagens cósmicas são por vezes tão majestosas que os filósofos as tomam por pensamentos. O devaneio ajuda-nos a habitar o mundo." (BACHELARD, 2009, p. 23)

> – O mundo colonizado é um mundo cortado ao meio", pondera Fanon. "Mundo compartimentado, maniqueísta, imóvel, mundo de estátua: a estátua do general que fez a conquista, a estátua do engenheiro que construiu a ponte. Mundo seguro de si, que esmaga com as suas pedras as feridas abertas pelo chicote". (FANON, 2015, p. 42 e p. 55)

Mas mundo aberto não é mole não, diriam as mais velhas das mais velhas crescidas no corte do mundo. Sigo como posso, construindo e destruindo escolas em mim, assim como Garabombo, o invisível, no desejo concreto de criar espaços, abrir possibilidades, experimentar caminhadas.

– Que a loucura habitava em Chupán foi comprovado no mês de setembro seguinte, quando as autoridades de Chinche bateram na porta do subprefeito Valerio às quatro horas da manhã. A primeira autoridade saiu com um revólver na mão, mas olhando o lamentável bando de bêbados que gaguejava pedindo autorização para levantar outra escola teve piedade. A comissão não estava no uso da razão. Suspirando, Valerio acendeu seu lampião Coleman e deu a autorização para edificarem a terceira escola. (SCORZA, SEM DATA, p. 143)
– Todas as anteriores haviam sido construídas e queimadas pelos mesmos construtores, justificativa para que pudessem se encontrar e discutir as questões importantes para a comunidade, interrompo envergonhada, a fala de meu amigo antigo, peruano revolucionário, Manuel Scorza. Ele, prossegue:
– "Meses depois [...] concluíram uma obra que excedia qualquer imaginação. [...] O louco edifício se extraviara em longuíssimas, inexplicáveis paredes que caminhavam por conta própria, que, perdendo qualquer orientação, subiam lombadas, desciam ribanceiras sem demonstrar vontade de se encontrar com outras paredes." (SCORZA, SEM DATA, p. 144)

Dizem que lembrar é reviver e na medida em que a memória da paralisia se aproxima, escuto de dentro do livro Oxum, a água acariciando com as pontas dos dedos minhas palavras esgotadas:

– "Todos as manhãs Oxum repetia uma certa cantiga, tentando ensiná-las às pombas-rolas. Certo dia a menor das pombinhas respondeu à cantiga, cantando-a da mesma forma. Oxum, feliz, pediu a essa pomba-rola que fosse procurar seu amado Orumilá e que para ele repetisse a cantiga. A pomba-rola assim fez, cantando para Orumilá:

Omin iaiá, omim iaiá
Oxum e Orumilá
Omin iaiá, omim iaiá
Oxum e Orumilá

– Oxum transformou-se ela mesma em pomba-rola, voando de sua janela até onde Orumilá estava." (LIMA, 2007, p. 86-87)

Experimento cantar, mas não conheço a melodia, quero virar pomba para bater as asas de água sobre a minha cabeça. Gosto que Oxum tenha vindo aguar o pensamento. Fico um pouco com ela, braços pesados e já são 00h12 de sábado. Exausta, sem acender a luz da sala, digito. Meus olhos molham a mesa, descolados dos dedos frenéticos. O corpo esgotado, do Kuniichi Uno, me aconchega. Os dedos que carrego param, grudam nos olhos e, em acordo, abrimos o livro procurando o brinquedo de antes. Das páginas, saltam palavras que nos – eu, dedo e olhos – sacodem os órgãos, os totais assentados:

– "Pois em todos os casos, a vida com a qual Artaud está preocupado não é a vida em geral, incondicional, intacta. Ela deve tocar todas as condições que admitem a vida em um determinado momento histórico, as condições e as instituições que a penetram e sitiam, uma vez que a vida humana é sempre determinada social, histórica e politicamente. Ela não é apenas influenciada e invadida de fora por contextos sociais. A sociedade é um dado quase inato para o corpo e, esse condicionamento inato que pesa sobre o corpo é cada vez mais insuportável. A biopolítica é insuportável, odiosa e infernal para ele. É contra ela que ele declara guerra." (UNO, 2018, p. 64)

Converso com elas, palavras que saem e se depositam sobre as pálpebras que tenho no rosto, pesadas. O livro, agora quieto, vazio de sentidos urgentes, descansa no meu colo, pontas dos dedos alisando a mancha seca de café.
Cansamos. O mundo precisa de finalizações e eu gosto das aberturas e por isso me machuca (e não é exagero) precisar dar sentidos, fechar, dar nome e sobrenome. Se a vida penetra o corpo em todas as frentes, se somos atravessados e atravessadas por ela e pelas memórias dos instantes já vividos, não é a guerra que nos interessa, alguns sussurram aqui, mas é esse corpo que se faz em corpos, abertos, vasos comunicantes. Queremos barcos moles, um buraco no Livro dos abraços. Queremos arte que mostre um modo de pensar as relações abertas, arte que convide para abrir fissuras no modo de pensar do mundo. Peço licença para acreditar, sozinha, mesmo que as outras, cansadas, já não precisem mais de crenças. Me faço barco mole e me balanço na potência das aberturas, na força de vida carregada por elas. Elas me ensinam e por isso me comprometo a não largar delas, elas me enchem de encantamento e me dão vontade de seguir viva, peço desculpas por tanto derramamento, mas esse é o meu modo de fazer vida.
Paramos. E na distância entre dedos, olhos e palavras concatenadas, um discurso em mim se arma, engatilhado: será que faremos sentido? Será que nos faremos órgão, sistema, estrutura, ponto-final? A boca seca e a baleia escorregam pela garganta. Fico sozinha e, em silêncio, acompanho o conjunto baleia, garganta e boca, carregando as palavras que criaram sentidos hoje. Conjunto de tronco de árvore velha, penso. Conjunto que abre ranhuras na madeira do tempo. Gosto de ver, é bonito: uma baleia gorda mergulha no veio, na abertura da garganta, largando a boca aguada, inchando a madeira com cheiro de ingá. Não procurem simbologias aqui, não é disso que se trata. Nem de representações, a baleia é baleia mesmo, mesmo que vocês não acreditem. Sinto baleia, madeira e veios, vejo as pernas cheias de casa de baleia, cheiramos a água, oliveira e tucumã.

Convido vocês, que permaneceram até aqui, a navegarem comigo, nessa minha barriga de ponto-final, de manchas abertas, dessas que carrego na pele provisória e fina que me separa do mundo, mas por onde me abro em mistura, passeio, cachoeira de gentes.

Um bote mole fazedor de paredes andarilhas (um subtítulo)

O processo era pensar a arte, mas por algum motivo o que escutei foi loucura.

Seria um disparador?
Eles perguntaram: o que você vê quando está no limite, distante de si?
Gatilho?

Como se pensa a loucura quando se pretende deixá-la do lado de lá da porta de entrada?
Pensar a arte em um exercício de distanciamento de si, de estar no limite, talvez tenha sido para mim uma proposta de flertar com aquela aberta ao mundo, cabeça rumo ao teto, corpo aberto, abrindo para todos os lados, explosão.

Eu vejo
a porta,
a loucura
instalada
entre a
maçaneta e
dobradiça.
Vejo as
lembranças
vivas,
brincando de esconder embaixo do capacho, olhos sobrepostos disputando o olho mágico.

E com foco no gatilho, em disparada, experimentei, naquele dia, só olhar.

Outro dia, vi uma mulher velha
e ela parecia comigo.
Sentada no chão, de costas pra mim,
alimentava as pombas que a rodeavam.
Outro dia me perdi.
Quando me perco, percebo
o que acontece pra além de mim.
Será que sei onde está esse mim?
Quando eu me perco, as coisas se abrem
e se relacionam sem que eu possa
oredená-las. Eu me perco muito e cansa
achar o organizado que as coisas criam
entre elas.



Naquele dia, me perdi e olhei
para a mesa
à minha frente.

Outro dia, vi uma mulher velha e
ela se parecia comigo. Ela segurava
uma pomba com as mãos, levemente.
Segurava e chupava: barriga e patas.
Eu me perdi entre a lingua da mulher,
o barulho das asas cinzas e as
migalhas de pão engolidas.
Eu me perdi e senti a barriga quente e
áspera da pomba viva.
Eu me perdi e chupei pomba e vida.
Quando eu me perco, é cansativo
voltar, convergir, concentrar.
E pra voltar, volto fazendo sentidos:
pomba-chão, afeto, pomba-mão.



Perdida procuro sentidos nas coisas
abertas: minhoca, terra, colher.

Engatilhada, no instante em que se vai e se fica, suspensa, me perdi.
Me perdi e procurei ver a conversa das coisas.
Eu sei, porque me ensinaram,
que coisa não é gente.
Que bico não é boca
Que terra não é minhoca.
Que corpo é conjunto de um só.
Eu sei, porque me ensinaram - e só.



Quando me encontrei, vi sentidos
se criando, disparados: encontro de
partes, instante. Vi, pegando ar, dois
virando um.

Eles perguntaram: o que você vê
quando está distante de si?
Vejo dobradiças sobrepostas, vejo
capacho e escuto as letras abertas,
garrafais, palavras imensas sem
sentido.
Já faz tempo que sou o distante de
si, já faz tempo que o que vejo vem
morar dentro de mim e me cria pele.
Já faz tempo que o quando é tempo
do ontem e do agora, já faz tempo que
eles se misturam aqui.

Você que desaguou em lama me disse.
Mas ela não é você.
Tô pisando firme e abrindo os braços,
cê consegue ver?
É meio dia e eu não vou olhar pra tudo
sobre a mesa.
Você que desaguou em lama me disse:
presença, presença.
Ela lambia a barriga da pomba viva.
Eu senti o gosto, no caminho da Major
Diogo.
Você me disse presença e ela
me lambia a barriga.
Dizem que a raiva brota da fome
E que a dor é saudade do que não se pode
ser.
Eu não sou você e ela foi embora
antes da gente, amor.



Não faz sentido. O distante é aqui e si é uma palavra
só.
Eu faço de conta, visto o ser de ir: sapato, calça, óculos, malas, cadernos, invento que sou gente no prumo.

Verborrágica, pés na avenida da Vila Guarani, te olho.
Nascida Jaqueira, enorme, criança.
Andamos sérias, eu e elas, grudadas.

Tô pisando firme, cê consegue ver?
Preciso disso e se eu não pisar esqueço a volta.
Eles querem outra de mim e essa eu não posso
dar hoje.
Eles não sabem o que é se perder e não voltar.
Eu tô aqui, pontas dos pés no chão,
calcanhar firme, peso do corpo apoiado.
Você consegue ver o mundo cortado em dois?
Tô pisando firme, cê consegue ver?
Dizem que a raiva do que brota é dor mesmo.
Azuleja tudo, esconde e arranca.
Não fica nem mato, nem batata doce.

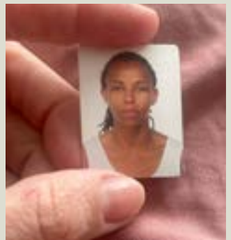
Pego o metrô para ver quem mora contigo nas
memórias
da Bento Freitas. Essa que sou, hoje -
maçaneta-capacho-jaqueira - te olha.
Te encontramos em uma caixa, no acervo do Vai-Vai,
sob a guarda de um mais velho.
Te pego nos dedos, onde pulsa meu jeito de me
ver no mundo.
Intuo teu nome, deduzo o que está escrito atrás
da foto.
Te acho muito bonita e quero que venha morar
em mim.
Te ofereço sementes, companhia, passeio: quer?
Te ofereço nascimento: quer? Batata-doce: quer?



Te vejo por onde o mundo entra em mim,
pela ponta dos dedos por onde a memória
entra.
Porta, dobradiça, olho-mágico.
Sabe essas manchas brancas que a gente
carrega nas unhas?
Dizem que é onde a memória fica guardada,
disfarçada
de mentira.









Te vejo e sou eu e você: Fábia-paredes da Sé.
Me aproximo, passo pisado sem pressa,
sentido contrário ao trem que grita a
sua chegada.
Me aproximo: Fábia -
cano de energia desligado - paredes enormes
na Estação da Sé.

To pisando firme, presença, cê consegue ver?
Ele é bonito, Gosto de ver, Você reconhece
os olhos que ele carrega?
Tô pisando firme e catando sementes,
dessas de lamber.
Eu pareço com ela, mas nasci antes dela nascer.
Tô pisando firme, ponta dos pés no chão,
retorno de maré, cê consegue ver?
Ela fez um mapa. eu não sei ler
A gente sabe que é fundo,
que tem gente esperando para sair.
Mais de cem anos, disseram.
Eles não querem isso, querem que eu mostre
como se lambe pomba para se achar.
Eu abri os braços em onda larga, tufão,
tsunami, você viu?
Ele tem um barco atracado no miolo dos olhos.
Ele é bonito. Gosto de ver.





Eles querem outra de mim
e essa eu não posso dar hoje
Não me escondo,
mas não sei se eles podem ver.
Ontem perguntei sobre ela para os Penteados.
Como é a sua voz?
Você gosta de lama, mar, vento, pombas?
Peguei aquele barco do miolo dos olhos dele
e te chamei,
Posso te falar dela?



Os mundos cortados em dois e a cada dois mais dois.
Quando você morreu, eu peguei o trem.
Meu corpo em Guaianases
e a gente subindo as ladeiras todas pra ver a Maria.
Robru e a sua mão na minha, a gente descendo ladeira
e as panelas cheirosas da Maria.
A raiva do que brota é dor mesmo, eu sei. Você me disse.
Você não é ela.
Os dois cortados em dois, mais dois, mais dois.
Ele é bonito. Gosto de ver.
Perguntei o nome dela para os Penteados,
100 anos de família e ainda não sei.
Estou na estação e não posso ir com o trem,
você consegue ver?
A sua mão na minha, já faz tempo, eu sei.
Ando no contrafluxo e você apressada me segura na cintura
Vamos.
Você me disse.
Minha memória grudou branca, mancha pra sempre.
O mundo cortado ao meio cortou teu corpo
Você me disse.
Corpo no chão, nu, chutes na barriga, farda e coturnos.
Você me disse.
Ela não é você.
Porque ela entrou no meio do caminho?



Será que vocês teriam papo?
Será que vocês fariam juntas?
Você não é ela.
Quando eu a vi, entre as pessoas guardadas, na memória do Saracura, ela me chamou.
Barcos atracados na noite escura, no miolo dos olhos, eu fui.
Ela não disse nada, me chamou pro rio escuro, para vida antes de nós.
Ela é bonita. Gosto de ver.
Perguntei o nome dela para os Penteados, 100 anos de família e ainda não sei.
Estou na estação e não posso ir com o trem, você consegue ver?

Minha mão na sua e a sua no túnel do metrô
Eu não quero esquecer e não posso ficar.
Eles não sabem como é difícil sair daqui.
Você trabalhava na faxina do metrô
Sua mão na minha cintura, vamos ali
Eu não quero misturar as histórias de vocês
O trem na estação e a gente no sentido oposto
Eu não posso ir.
Cano, parede, cantos
Dizem que canto é lugar de proteger e eu me pergunto pra quem.

Eu não quero, mas já misturei
Cada mancha nas unhas é para lembrar e separar
Eu não quero, mas já misturei Quilombo do Saracura, Robru e Exu.
Eles querem ensaio, eu só posso oferecer caminho.
O caminho que percorro, dentro do barco do miolo dos olhos dele, delas.
Eles querem ensaio, eu só posso oferecer pombas, línguas e despedidas.



Eu não quero, mas já misturei
Cada mancha nas unhas é para lembrar e separar
Robru pra onde fugi quando era criança, e o som do triângulo da Maria, sua mãe.
Eu não quero, mas já misturei.
O mundo cortado em dois e os colchões na sala da Luiza
Ela me disse, sua mãe veio na madrugada, botou a gente dentro de um taxi e nos escondemos juntas.
Eu não quero, mas já misturei e fugi para o Robru para me proteger,
Quando você morreu eu sei que andei até o canto onde poderia ser o início
e recusei as mãos dadas de encontro
Quando você morreu eu sei que andei até o canto, cê consegue ver?
Ponta dos pés, braços abertos, no topo do ori
Água, pássaro, cabaça, no canto da estação Sé.

Mergulhei. fundo de rio, lama negra, casa de Nanã
Pulei dos barcos dos miolos dos olhos dele
Ele é bonito. gosto de ver.
Naquele canto, te vi, botando água no mundo, esperando o trem pra Guaianases, para gente subir de mãos dadas o morro e descer o escadão,
Pulei dos barcos dos miolos dos olhos dele.
Ponta dos dedos no chão, calcanhar fincado na terra.
Naquele canto te vi, aguando a dor que aqueles homens plantaram em você.
Xequerê no ar, girando colorido
Eles me disseram que não me viam. Eu não me vejo também.
Naquele canto te vi, aguando a dor que aqueles homens plantaram em mim.
Eles me disseram que não me viam. Eu não me vejo também.
Estou escondida em Exu, que fica ao lado de Bela Vista, onde sua mãe, Maria, nasceu.

O que eu escrevo quando visto o prumo. (Às vezes o que falta é subtítulo)

Talvez essa seja apenas uma breve descrição de como minha contribuição para este livro surgiu.



O que eu escrevo quando visto o prumo. (Às vezes o que falta é subtítulo)

Terça-feira, 13h, estação Sé, baldeação para a Barra Funda. Muitas pessoas na plataforma esperam o trem chegar. Caminho no sentido oposto, em direção ao canto da plataforma, ao encontro de duas paredes enormes. Tenho vontade de chegar muito perto, de entrar nas paredes, de passar pelos canos, de abrir buraco no chão. Dias atrás, soube da morte da Inaiá, minha ex-companheira. Quando nos conhecemos ela trabalhava na faxina do metrô, quando todos estavam dormindo. Ela era Ekedji, filha de Nanã, tocava xequerê no Ilu Obá de Min e quando morreu estava conduzindo um afoxé no Robru. Foi com ela que vinte anos atrás me aproximei do Candomblé.
Não nos falávamos há anos.
Ela foi um grande amor, talvez o maior.
Eu estava indo ao acervo do Minoru, que guarda algumas fotografias do Vai-Vai, e senti vontade de ficar nesse canto, olhando para as paredes enormes. Se meu caminho fosse simbólico, diria que fotografei esse momento como quem vê a história da vida em um único espaço: o encontro de duas paredes enormes, desgastadas, com um cano de eletricidade desligado há muito tempo.

No acervo, encontro a foto 3x4 de uma mulher do Vai-Vai. Eu não sei porque, mas precisei muito olhar para ela, pegar, registrar o momento em que a encontrei. Atrás da foto, um nome escrito à lápis, mas que não pude ler. O plano seria voltar para descobrir. Escrevi mais tarde aos mais velhos, para a família Penteado, que completam cem anos de Vai-Vai, mas ninguém soube me dizer ainda quem seria a mulher da foto. Eu que cresci entre o Glicério e o Bixiga, tenho lutado para que o Quilombo do Saracura fique vivo e foi por isso que a encontrei dentro de uma caixa na República. Nos últimos dois anos, durante as escavações para a construção da Estação Saracura Vai-Vai, foram encontrados objetos diversos que comprovam a existência do Quilombo e de um terreiro de candomblé que talvez seja um dos mais antigos da cidade de São Paulo. Mergulhada neste trabalho,
nesta luta, nesta relação, transbordo.

Voltando para casa, observei a batata-doce que brota desde que contei para o grupo de uma crise psíquica que tive há alguns anos. Discutíamos arte e loucura, a ideia de nos distanciarmos de nós mesmos e o processo virou gatilho. Talvez pela ausência de proximidade, talvez porque eu realmente acredite que lembrar é reviver, mas as coisas por aqui se complicaram um pouco após a abertura desse processo. Quando vi a primeira folha da batata-doce, senti um alívio na loucura, parafraseando a música.
Eu sempre gostei de nascimentos, desde pequena as mortes já eram muitas. Na kitnet onde vivi até os vinte anos, a gente não tinha plantas, apenas uma batata-doce que crescia na água fedida. Eu gostava muito dela e experimentava subir pelas paredes assim como ela fazia. Fotografei o encontro entre a batata-doce e a mulher para mim
ainda desconhecida.



No caminho, voltando para casa, na esquina da Av. Diederichsen, onde morei quando era bebê, onde hoje tem uma Jaqueira, vi uma pá de construção cimentada na faixa de pedestres. Eu não pensei, apenas precisei guardar a imagem comigo. Fotografei.

Quando eu era criança, uma grande amiga da minha mãe, a Lu, às vezes cuidava de mim. Eu a achava linda, filha de Ogum. Minha mãe cuidava do Carlito e ela de mim. A Lu morava no Robru, tinha uma cachorra brava chamada Diana e um dia, aos oito anos, fugi de casa e fui me esconder na casa dela. Me perdi. Horas depois alguém me reconheceu, avisaram alguém do bar, que avisou alguém que avisou alguém. Sei que me encontraram porque hoje estou aqui. Elas eram muito amigas: as véias, como gostavam de se chamar, se protegiam, se apoiavam e lutavam pela vida juntas. Guaianases, Robru, Bixiga e Glicério se entrelaçam por aqui, nas paredes da Sé, como uma rede que entrelaça o Tempo.

A proposta era escrever este livro coletivo e eu só pensava no encontro com as paredes enormes da Sé, na batata-doce brotando em casa, na pá, na Jaqueira, na 3x4 da mulher do Vai-Vai, na Inaiá. Construí encontros, caminhos, palavras, sobreposições, jogos, fotografei a foto impressa, desenhei sobre elas e parei.







Referências Bibliográficas

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
BRASILEIRO, Castel Vitorino. Terra: Antologia Afro-Indígena. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: UBU, 2023
CORTÁZAR, Julio. Papéis inesperados. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
FANON, Frantz. Os condenados da terra. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2015.
FRASER, Ian. Cartografia para caminhos incertos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2025.
FOUCAULT, Michel. A História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 2012.
GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM,1997.
KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
LIMA, Luís Filipe de. Oxum: a mãe da água doce. Rio de Janeiro: Pallas, 2007
SCORZA, Manuel. Garabombo, o Invisível. São Paulo: Círculo do livro, SEM DATA
UNO, Kuniichi. Hijikata Tatsumi: pensar um corpo esgotado. São Paulo: n-1 edições, 2018.

grupo de estudos em
arte contemporânea

LACUNA

COLETIVO
BORDE [ ]

2024-2025
GRUPO 1

